

Tumulto da Praça da Liberdade não tem inquérito

BELO HORIZONTE — O Governo de Minas anunciou que não pretende abrir inquérito para apurar as responsabilidades pelo tumulto ocorrido anteontem na Praça da Liberdade, durante a visitação ao corpo do Presidente Tancredo Neves, quando morreram quatro pessoas e 271 ficaram feridas.

Ontem, três feridos continuavam internados no Pronto Socorro do Hospital João XXIII. Dois deles, em estado grave, estão no Centro de Terapia Intensiva (CTI) e ainda correm risco de vida, segundo a direção do hospital.

O Governo de Minas vai arcar com as despesas hospitalares, no caso dos feridos, e de sepultamento das vítimas fatais, informou ontem à tarde a Assessoria de Imprensa e Relações Públicas do Governo do Estado (AIRP). Uma missa de sétimo dia será celebrada às 18 h do dia 29, segunda-feira, na Capela do Palácio da Liberdade. O Governador Hélio Garcia recomendou que a AIRP visite as famílias das vítimas.

Em nota oficial distribuída pela manhã, o Governo do Estado lamentou “profundamente os incidentes ocorridos na tarde do dia 23, quando à dor de ter perdido o Presidente de nossos sonhos, o doutor Tancredo Neves, somaram-se as mortes de quatro pessoas e ferimentos em dezenas de outras”. A nota acrescenta que, “apesar de todas as cautelas adotadas, de um planejamento minucioso para garantir a segurança coletiva e da ampla divulgação do programa de visitação pública aos restos mortais do grande Líder, o delírio popular excedeu a todos os limites”.

Uma das causas apontadas para o tumulto, além da falta de um esquema de segurança adequado à manifestação, foi a rapidez com que o cortejo percorreu o trajeto do aeroporto da Pampulha ao Palácio da Liberdade. Essa era a crítica fei-

ta por várias pessoas presentes à praça na hora do incidente. Duas adolescentes, Cláudia Garcia e Patricia Sintielli, ambas com 16 anos, estavam revoltadas:

— Nós tentamos acompanhar o cortejo na Afonso Pena, mas foi tudo muito rápido, nem correndo era possível. Estamos emocionadas com o Discurso de Dona Risoleta, com a perda deste homem que significava uma esperança, principalmente para nós, jovens. Mas achamos que é uma falta de consideração muito grande com a população — desabafou Patricia.

Pela programação, o cortejo trazendo o corpo do Presidente Tancredo Neves desenvolveria uma velocidade média de 5 km/h, mas, na Avenida Afonso Pena, por exemplo — onde se concentrava grande parte da multidão —, os carros passavam a 30 km/h.

O comandante Geral da Polícia Militar de Minas Gerais, Coronel Leonel Archanjo Affonso, em nota oficial distribuída anteontem à noite refutou as falhas do esquema de segurança, que para ele funcionou “erfeitamente, dentro do previsto”.

O Assessor de Imprensa e Relações Públicas do Governo de Minas, J. D. Vital, disse que em São Paulo foi possível ao cortejo seguir devagar porque não haveria visitação pública. O Assessor salientou também a necessidade de aliviar ao máximo o sofrimento da família — “Brasília tinha sido um verdadeiro martírio para Dona Risoleta, que sofreu, inclusive uma taquicardia”.

— Levanta-se a hipótese de que se o cortejo tivesse seguido em baixa velocidade, talvez o tumulto não tivesse ocorrido. Eu poderia aventar outra hipótese baseado nas razões que levaram o Governador Hélio Garcia a tentar a inclusão de Belo Horizonte nos funerais do Presidente Tancredo Neves: se o corpo não passasse por aqui, o que seria de São João Del Rei? — perguntou o Assessor.



Luiza Gonçalves Rios, morta no tumulto, é velada pela irmã, dona Maria, e amigas